

## CHOQUE AO PORTADOR

DUILIO GOMES

E ele comendo insetos como quem mastiga pipocas, jogando-os pela boca, de olhos fechados. A atração do parque. Fascínio e lânguido asco no rosto da moça que apertava a mão do noivo. Percevejos, pulgas, gorgulhos, moscas e formigas. Ele engolia tudo, mastigando e engolindo, mastigando o horror que estalava no céu da boca como uma constelação de abdômenes, tórax e cabeças. Há quanto tempo você faz isso? ela lhe perguntaria alguns dias depois. Desde criança, ele respondeu, sem camisa e apanhando um mosquito no ar.

Nunca vi nada igual em minha vida, ela falou, olhando em sua volta. O quarto dele era a metade de uma barraca, dividida com o homem que engolia fogo. Um colchão com travesseiro e cobertor, um lampião, espelho rachado, folha de revista presa na lona — um cavalo branco. A barraca tinha um cheiro indefinido, mistura de coisa queimada com cheiro de mato.

Falei com o meu noivo que não ia sair hoje, que estava com dor de cabeça, vim te ver. Os olhos fixos no peito dele, um peito liso, sem cabelos. Ele sentou-se no colchão, vem cá. Não, não devo. Ele estirou-se ao colchão, olhos presos no cavalo fotografado da cabeça até o flanco. Ela ficou respirando emocionada e rodando a bolsa na mão. Imagino quantas moças você deve ter namorado por essas cidades todas por onde passou o parque. Ele sorriu, sem dizer nada. Te trouxe um besouro. Abriu a bolsa, tirou o besouro morto de patas dobradas e entregou-lhe. Virou o rosto quando ouviu estalar a dura carapaça entre os seus dentes.

Ele é assim como aquela planta que come insetos, aquela que nós vimos no cinema, contou ela para a amiga. Que coisa nojenta, falou a amiga. No princípio eu também achei. Levantou-se, foi até a janela. A noite lá fora não tinha insetos, não tinha nada além da sua condição de noite, mas no escuro pontilhado de lâmpadas fracas um cachorro latia. Era sempre assim, a noite esperando o dia no escuro e, nos meses de chuva, inchando-se com o orgulho dos sapos, vendo grilos pulando de invisíveis trapézios, fazendo circular o barro e a grama coagulados de morna unidade. Coisa mais triste as noites de uma cidade do interior, pensou. Afastou a cortina de chitão, encostou a cabeça na janela, foi invadida por uma tristeza como nunca sentira antes. A amiga queria saber mais, o nome dele, idade, se era bonito. Ela contou tudo, de costas, bem devagar. Depois chorou, pensando no noivo.

No parque lhe informaram que ele devia estar bebendo cerveja naquele bar da esquina. Foi encontrá-lo sentado em uma mesa do fundo, sozinho. Bebia cerveja e mastigava alguma coisa, uma mosca talvez. Ficou de pé ao lado dele, até que foi notada e convidada a sentar-se. Meu noivo não pode nos ver aqui, falou, segurando-lhe a mão por baixo da mesa. Ele a olhou distante com os seus olhos pálidos de inseto nocivo. Ela largou a mão dele, você me dá medo. Medo? Começou a assoviar, olhando para nada. Que música é essa? **Folha Morta**, de Ary Barroso. Deixou-a sozinha na mesa e foi jogar sinuca. Ela o acompanhou submissa, sentou-se em uma cadeira, ficou um tempo sem fim vendo-o mexer-se lentamente diante das bolas, espetando-as como um caçador após o tiro, mastigando alguma coisa que tirava do bolso da calça.

Sempre trago um monte deles no bolso, contou-lhe, quando saíram do bar. Ela caminhava de olhos baixos. Me deixa na esquina, ninguém pode nos ver. Perto do poste ele segurou-a e beijou o seu pescoço quente de ansiedade e depois a boca e de repente ela lembrou-se dos insetos e quis tirar a boca mas aquilo era mais forte que o seu asco e de olhos fechados deixou-se beijar, anjo e demônio com olhos de sombra, não posso, eu quero, sim, eu quero, eu quero, não devo mas me abraça, não

devemos, formigas pulgas meu amor traças gorgulhos cigarras cupins — a boca azeda, a doce boca azeda daquele homem cujo silêncio o fazia ainda mais anônimo. O mistério, com a sua memória escura, a fascinava como um pêndulo de luz. De onde viera? De uma cidade qualquer de Minas, ficando nela os olhos agudos de quem sabe estar inflamando, desprezo e de repente tantos beijos. Ardia de vontade diante dele; deitada em sua cama imaginava como seria o seu peso e a cor dos seus olhos quando a fizesse deitar-se no colchão e dobrando-a, investisse contra o seu corpo com a lâmina quente do seu desejo alimentado de insetos e muito apazível seria o seu hálito; ela virou-se na cama e gemeu — no colchão da barraca, estalando como um selo antigo ou uma vespa em sua boca enquanto na outra parte da barraca o engolidor de chamas aqueceria aquele momento com um fogo brando de línguas compridas. Rolar na cama a noite inteira, lembrar-se do caso que lhe haviam contado — um velho catador de insetos que morava num barracão de um posto e que o menino encontrara morto num dia de chuva — rolar na cama, não posso continuar assim, os olhos pisados no dia seguinte.

Levou-lhe algumas formigas, apanhadas no quintal. Esperou que terminasse a sua apresentação, acotovelada no meio do povo. A maior atração do parque. Quando entrou na barraca, ele estava sentado no colchão, exausto. Comeu as formigas sem vontade, deixou duas de lado. Você está bem? ela perguntou, sentando-se ao lado dele. Devo ter comigo algum inseto estragado, vamos beber cerveja. Assoviando **Folha Morta**, uma música triste. Ela bebia olhando para os olhos dele, ela que não era de beber nem refrigerante. Você está acabando comigo, pensou, segurando a mão grande de unhas curtas por sob a mesa. E se Fernando chega agora, não gosto nem de pensar. Aqueles dias todos dizendo para ele que não podia sair, que não podia ser abraçada, que sentia dor, que estava doente, que a perdoasse. De olhos quebrados ele assoviava, assoviava. Pensando em alguém? ela perguntou. Não. Alguma moça? Não, em mim mesmo. Bebeu o resto da cerveja, pediu outra. Você nunca me contou nada de sua vida. Minha vida sou eu, eu e meus insetos.

Nunca amou? Ele inclinou a cabeça. Eu te amo, ela falou, engasgada. Ele palitou os dentes e, como um efeito desse gesto, ficou pensativo. Um rapaz tocava violão no outro lado do bar. Toque **Folha Morta**, gritou para o rapaz. Então, durante a música, ficou ainda mais fechado. Ela, com vontade de chorar, bebeu um copo inteirinho de cerveja, encheu-o novamente, bebeu. No silêncio duro entre os dois, sentiu latejar a eternidade. Ele, distante, levantou-se e foi jogar sinuca.

Saiu tonta do bar, abraçada ao ombro dele. Você não ama nada além de nada nada, pensava, jogando o peso do corpo contra o corpo dele, pouco se importando com quem passava e os olhava espantado. Na cama — ele a levava até em casa? a deixara no portão? — ficou rodando, vendo tudo rodar, que coisa mais enjoada. Não devia ter bebido tanta cerveja, nada além do amor aos seus sujos insetos — virou-se na cama, tudo girando, não ama ninguém; nunca mais, também nunca mais beber, mãe, estou com medo, gritou cambaleando no corredor. Correria dentro de casa, portas rangendo — onde estava, bêbada como um homem. O tapa do pai, bicarbonato, um princípio de choro. No quarto, ressonando depois do vômito: nunca mais quero vê-lo, amanhã sair com Fernando, ser a moça de antes, despreocupada. Ser moça é sentir tudo isso, como um vulcão, sentir periodicamente a umidade, que é também humilhação, entre as pernas, ter olhos assustados e depois uma súbita coragem. Por isso:

O que está acontecendo com você? perguntou o noivo no dia seguinte, sentado na poltrona. Meio gordo, de bigode. Moscas voavam em torno da lâmpada, todo inseto a faria lembrar-se dele. O noivo colocou o rosto entre as mãos, chorou. Ela sentia pena e desprezo. Estava emagrecendo, o noivo. E ela também, cada qual por sua razão. Pensou: ajustar os vestidos, mudar o penteado. Ser moça é sofrer, sofrer. Repentinamente tirou a aliança do dedo, colocou-a no colo dele.

Terminei o noivado ontem, anunciou ela, de vestido vermelho e blusa branca decotada. Havia mudado o penteado e a cor do baton. Ele a olhou e não disse nada. Era sábado, dia de matinê. Podemos ir ao cinema, falou ela, entusiasmada; eu vou

na frente, sento na última fila, depois você entra. Ele acercou-se dela e de repente beijou-a na boca. Lá fora, um sábado de sol oferecia: cinema, jogo, cheiro de laranja e um movimento repentino nas ruas. Ela se sentiu progressivamente feliz, vontade de sair pelas ruas de mãos dadas com ele, enveredar-se por ruínas de paredes descascadas, sentar-se em bancos de jardim, ouvir o moço do violão tocar **Folha Morta**. O vento ondulou o pano da barraca, isso é felicidade, pensou e pela primeira vez percebeu o misterioso encanto de morar numa cidade do interior que tem ruas de areia chupando o calor do dia, um jardim com lagos, igrejas antigas de sinos distantes sobre casas humildes, mornas e pacíficas, um horizonte uterino e uma temperatura que era também a pressão ideal do corpo; pela primeira vez ela amava a sua cidade, um sábado perfeito. Ele, fora de sua abstração, comia uma cigarra. Mas ele era o fulcro da sua felicidade, o gerador dela. Assim, ela o apanhou no ar, memória e presença, um leve susto de quem sente a carne do seu sonho. Terminei o noivado por você, lhe disse ela. Vamos tomar uma cerveja, ele falou.

Eu não quero cerveja. Então vou eu. Eu quero você. Tirando a blusa, o sutiã, deitando-se no colchão, enroscando-se nas pernas dele. Que desvencilhou-se e pôs-se a mexer nervosamente no retrato do cavalo. Ela o olhou sem compreender. Vem, sussurrou. Não posso, volte para o seu noivo. Mas eu te amo. Um silêncio frio, podiam ouvir todo o som da cidade crepitando na barraca. No céu sem aviões um papagaio voava, abanando o rabo para o seu dono e fazendo pulsar, pela linha, o coração alegre da vertigem. Ele então, silenciosamente, tirou a roupa. Deitou-se ao lado dela, como um menino. Não estava excitado, frio igual inseto morto. Ela sentiu um arrepio, quis levantar-se e ir embora. Mas deixou-se ficar e beijou-o e beijou-o. Sou o seu inseto, me morde, me come, sou a sua libélula, a sua besoura de patas abertas neste sábado de verão cochilando como um peixe feliz. Dele, o sexo murcho — antenas caídas dos seus falecidos percevejos, a folha fúnebre, a brocha alma da inocência, então era isso. Ela recobrou a serenidade, apesar da boca seca: nenhum afago acenderia nele a chama do homem.

Mordendo os lábios, ela levantou-se. Ele não a olhou, enquanto ela se vestia. Saiu em silêncio. Não queria humilhá-lo além da sua própria decepção. Uma barraca tão quente e você tão frio, pensou, atravessando a rua.

O parque foi embora hoje, contou a amiga. Ela encostou a cabeça na janela. Os sabiás celebravam o êxtase de tudo nas jabuticabeiras do quintal. Ela virou-se lentamente para a amiga — você tem visto o Fernando?